

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

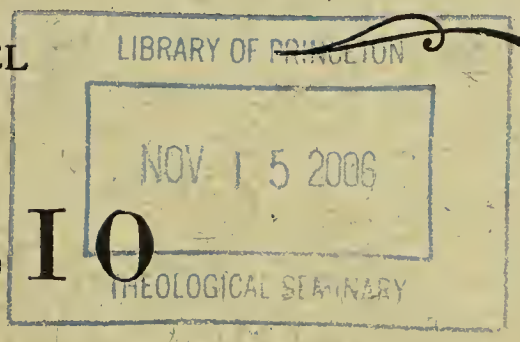
No. 7-8 novembro 1947

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

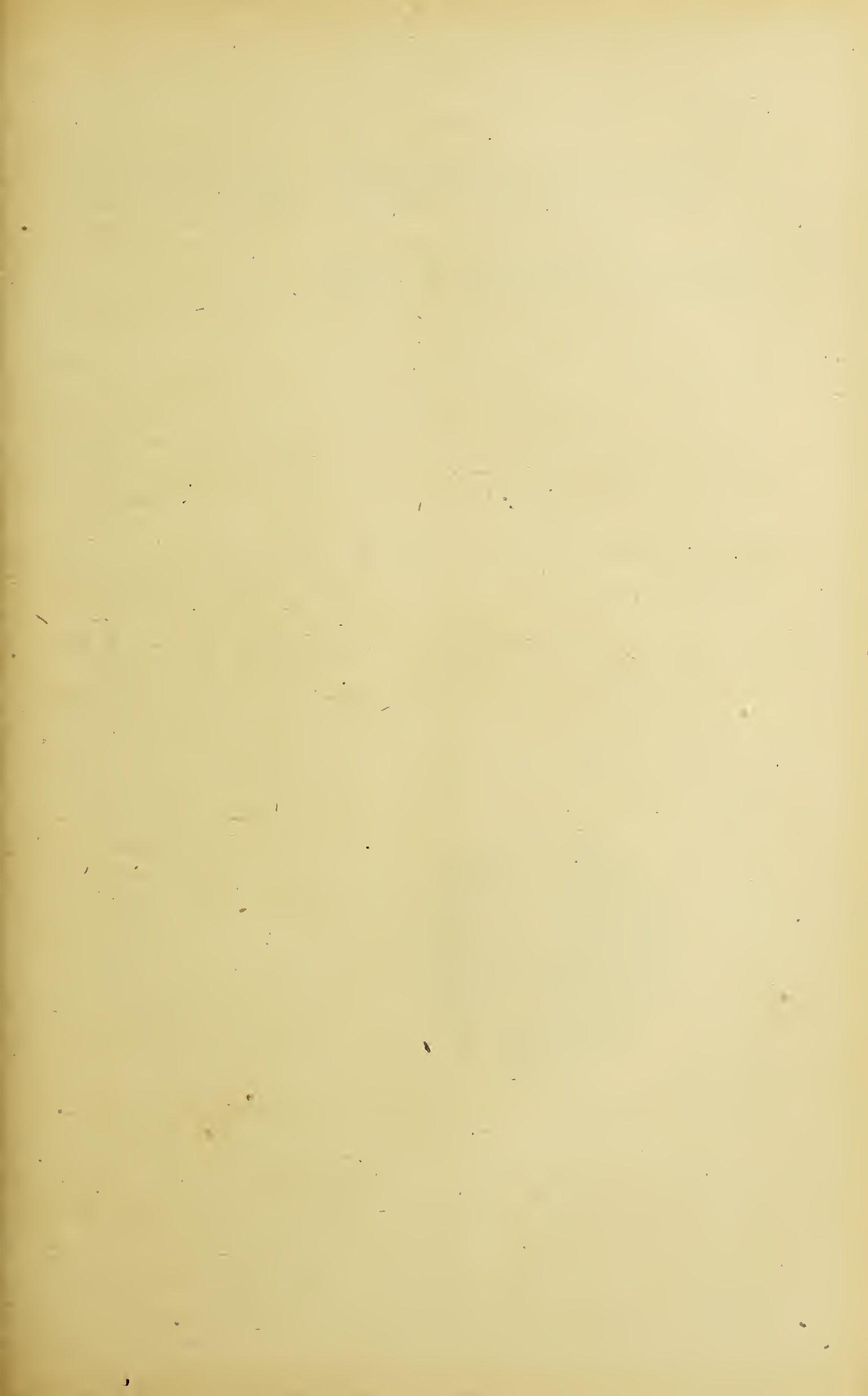
REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL



SUMÁRIO

Reverenciando uma data	<i>Redação</i>
A Vidente de Prevorst	<i>Dr. Francisco Klörs Werneck</i>
Respostas e Pontos de Vistas	<i>Leopoldo Machado</i>
Fenômenos de Materialização	<i>Amadeu Santos</i>
O Pharaó Mernaphtah	<i>Aurelio Valente</i>
A Obra de Geley	<i>Ismael Gomes Braga</i>
«In Hoc Signo Vincas»	<i>Arnaldo S. Thiago</i>
Livros e Autores	<i>Leopoldo Machado</i>
Cosme Mariño	<i>Redação</i>
Vamos lêr Kardec ?	<i>J. Herculano Pires</i>
O Mundo da Era Atômica	<i>Max Kohleisen</i>
Nascimento e Morte	<i>Walter Radamés Accorsi</i>
Crônica Estrangeira	<i>Redação</i>
Espiritismo no Brasil	<i>Redação</i>



Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* ✂ REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas : Rua Rui Barbosa, n. 673

Reverenciando uma data

A-pesar-de não ter atingido ainda um século, a História do Espiritismo, que é a revivificação do véro Cristianismo, acha-se enriquecida de inumeráveis factos extraordinários comprobativos da sobrevivência individual e de nomes de eminentes personalidades na ciência, na filosofia, nas letras, enfim, em todos os ramos da atividade humana, nomes que seriam o bastante para testemunhar o valor da Doutrina Espírita no árduo trabalho de conduzir a humanidade ao suntuoso templo da Verdade, libertando-a das densas trevas da materialidade para as regiões da Luz.

Em quasi todas as nações deste pequeno mundo, que, no concerto universal não representa mais que um grão de areia nas profundezas de um Oceano, o Espiritismo registra nomes de notáveis personalidades que o proclamam como a Ciência da Alma, que resume o seu tríplice aspecto : ciência, filosofia e religião.

Na França, além do Coodificador, citamos por exemplo, o Professor Charles Richet, da Academia de Medicina de Paris; Dr. Paul Gibier, antigo interno dos hospitais de Paris, laureado pela Faculdade de Medicina, diretor do



ALLAN KARDEC

vel astrônomo.

Na Inglaterra : William Crookes, da Sociedade Real de Londres ; A. Russel Wallace, presidente da Sociedade de Antropologia ; Oliver Lodge, reitor da Universidade de Birmingham ; Hodgson, Myers e Frank Hales, professores

Instituto Pasteur de New York; Coronel Albert de Rochas, administrador da Escola Polytechnica de Paris; Camille Flammarion, notável

na Universidade de Cambridge.

Na Alemanha: Zöllner, professor de astronomia na Universidade de Leipzig; Barão Carl du Prel, doutor em filosofia; Fechner, Weber, professores na Universidade de Leipzig.

Na Rússia: A. Aksakof, conselheiro privado do tzar Nicolau II; Wagner, Ochorowicz, Danilewsky, professores na Universidade de S. Petersburgo.

Na Espanha: Professor D. Manuel Otero Acevedo, de Madrid; Dr. D. Victor Melcior y Farré, médico e filósofo de Barcelona; D. Quintin Lopez, diretor da revista «Lumen», de Barcelona.

Na Itália: Schiapparelli, diretor do Observatório de Milão; Cezar Lombroso, professor de antropologia na Faculdade de Medicina de Turim; Professor Ercole Chiaia, de Napoles.

Nos Estados Unidos: Dr. Hyslop, professor de lógica e de ciência mental na Universidade de Columbia; Edmonds, antigo presidente do Senado; Robert Hare, professor de Química na Universidade de Pensylvania.

No Brasil: Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, Dr. Antonio Luiz Sayão, Dr. Antonio Pinheiro Guedes, Dr. Francisco Raymundo Ewerton Quadros.

Eis aí a nomenclatura resumida dos grandes homens que ilustram os anais do Espiritismo. Se fossemos citar os nomes de outras não menos ilustres personalidades que adotam os princípios da Doutrina Espírita, supomos que encheriam todas as páginas desta revista. Isto quer dizer que Allan Kardec, além da Falange de Espíritos iluminados que lhe prestaram apôio decisivo na codificação da Doutrina foi e está sendo secundado por homens de valor incontestável nos meios mais cultos. Não será, portanto, a perseguição sistemática dos seus detratores que conseguirá empanar o brilho da sua monumental obra, porque ela está alicerçada nos factos que enriquecem os anais do psiquismo. E além disso está amparada pelo Alto, que, à medida que o tempo avança mais vigor lhe dá com a reprodução ostensiva de factos comprobativos da existência do espírito e sua imortalidade.

No dia 3 dêste mês, transcorreu o 143.º aniversário do nascimento de Allan Kardec e, assinando o auspicioso acontecimento, que motivou êste artiguete, rendemos a êsse missionário do Alto, num preito de grande estima e amor, as nossas homenagens.

Salve, Allan Kardec!

A rapidez com que o Espiritismo avança em todas as direções é o resultado da reprodução, em escala cada vez mais crescente, dos fenômenos chamados supranormais, comprabativos da sobrevivência individual, e dos seus ensinamentos basados na moral evangélica e nas promessas de um mundo melhor.

Iluminando consciências obscurecidas pelo materialismo e confortando corações, o Espiritismo, que é a revivificação do vero cristianismo, está conquistando em todas as almas sedentas de paz e de progresso, um lugar de destaque.

Podemos afirmar que, quando o Espiritismo tiver implantado no mundo o reinado do Espírito, e isto será um facto, os homens terão resolvido todas as suas dúvidas e problemas.

A Vidente de Prevorst

PRIMEIRA PARTE

A Vida e as Faculdades da Vidente

Pelo Dr. Justino Kerner

Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck

CAPÍTULO IX

Efeitos das substâncias imponderáveis

A luz do sol produzia, na Sra Hauffe, efeitos físicos variados. Produzia-lhe, entre outros, dôr de cabeça, e, durante seu sono, ela pedia que se colocasse um pedaço de gelo na cavidade do seu estômago, quando se achasse exposta a essa luz, que não podia suportar.

As diversas côres do prisma tinham também, cada uma, seu efeito particular. O luar não a afetava quando não o olhava, senão experimentaria melancolia e um frêmito de frio. Era extremamente sensível à tempestade; percebia relâmpagos que ficavam inteiramente invisíveis e via outros antes de nós. Quando a atmosfera estava carregada de eletricidade, se alguém a tocasse com o dedo, via ela pequenos clarões que subiam para o teto; tais clarões eram, nos homens, incolores, ao passo que eram azues nas mulheres.

Percebia também eflúvios da mesma natureza, com muitas variedades, saindo dos olhos de diversas pessoas. Não podia beber água de chuva de tempestade por causa do calor que isso provocava nela, porém, em outras ocasiões, tal lhe agradava. Como se via, a eletricidade, em tôdas as suas formas, a afetava profundamente.

A Sra. Hauffe não podia viver sem deixar a janela aberta; dizia que tirava do ar princípios vivificantes. Era de opinião que não se tratava simplesmente de um ato de superstição o costume de se abrir a janela do aposento, no momento da alma partir, mas que isso facilitava o seu desprendimento do corpo. Acreditava também que se achavam no ar certos princípios de que os espíritos se serviam para se tornarem visíveis e se fazerem ouvir pelos mortais. Cria que tais substâncias podiam ser nocivas a outrem, mas que seus efeitos só eram percebidos por ela. Jamblico acreditava que a alma, no momento da sua

partida, era cercada de um envólucro, que guardava tôdas as formas da pessoa. Paracelso afirmava que o homem não se nutria só pelo estômago, mas também por todos os seus membros, que extraíam sua alimentação dos quatro elementos de que se compunha o ar.

A Sra. Hauffe era extremamente sensível a tôdas as moléstias contagiosas e epidêmicas. Mais se elevava no espaço, mais anormal e magnético se tornava o seu estado. No vale, sentia-se opressa, pesada e sujeita a convulsões. Era muito afetada pelo vento, sobretudo se de borrasca e, embora fechada num quarto, podia dizer de que ponto êle soprava.

A música mergulhava, muitas vezes, a Sra. Hauffe em estado sonambúlico, tornando-a clarividente e fazendo-a falar em versos. Pedia-me para magnetizar, aos sons da harpa judia, a água que bebia, e, mesmo quando a bebesse assim magnetizada, sem o saber, começava logo a cantar.

O profeta Eliseu nos fornece um exemplo da excitação da vida interna pela música. «Quando levado à presença do rei de Israel, êle lhe pediu para fazer vir um músico e, logo que êste fez vibrar as cordas do instrumento musical, a mão do Senhor desceu sôbre Eliseu e êle profetizou».

CAPÍTULO X

O que a vidente percebia nos olhos humanos

Quando a Sra. Hauffe olhava na vista direita de uma pessoa, através da própria sombra refletida, via uma outra, que não era, evidentemente, nem a sua, nem a da pessoa na vista da qual olhava. Julgava que era o retrato da personalidade espiritual de tal pessoa. Em muitas, essa imagem interna se produzia mais nítida que a externa; outras vezes era o contrário. Isto anunciava o caracter da pessoa e, em grande número, essa imagem era mais bela e mais pura que a outra. Se ela olhasse na vista esquerda, via logo de que doença interna sofria tal pes-

soa, quer do estômago, quer dos pulmões ou de qualquer outro órgão, do que fazia prescrição.

Na minha vista esquerda, leu prescrições que eram indicadas para ela mesma. Na de um homem que só tinha o olho esquerdo, viu, ao mesmo tempo, sua doença interna e a imagem da sua personalidade interior. No olho direito de um animal — cão, passaro — via uma chama azul, sem dúvida sua parte espiritual ou alma.

A êste respeito, fêz Schubert a seguinte observação: «Vemos, muitas vezes, nos olhos de um animal, reflexos de um mundo oculto e secreto, que, como através de uma porta, põe em comunicação o outro mundo com o nosso. Bastas vezes, nos olhos de um animal moribundo, inutilmente morto ou torturado pela mão do homem, vemos uma expressão da sua consciência íntima que se prepara para levar testemunho contra nós, no outro mundo».

Ela dizia que não era com a sua vista carnal mas com a sua vista espiritual, que tinha dentro de si, que via a segunda imagem nos olhos dos outros e que via os espíritos. Era por meio dessa vista interna que Jacob Boheme observava tôda a criação e reconhecia as essências, usos e propriedades das plantas, etc. Os olhares de certas pessoas punham logo a Sra. Hauffe em estado sonambúlico. Bolas de sabão, vidros e espelhos provocavam sua visão espiritual. Uma criança tendo certo dia enchido uma bola de sabão, ela

exclamou: Oh, meu Deus! vi na bola de sabão tudo em que pensei, mais longe que fôsse, e não num só momento mas em tôda a minha vida, o que me espanta».

Fiz, então, uma bola de sabão e pedi-lhe que procurasse ver seu próprio filho, que estava muito longe dela. Ela me disse que o via numa cama e isso lhe causou vivo prazer. Outra vez viu minha espôsa, que estava em outra casa, e descreveu, com precisão o lugar em que estava naquele momento, do que me certifiquei, a seguir, com cuidado.

Com dificuldade, porém, é que se a fazia olhar nas bolas de sabão. Parecia trêmula e temia ver algo que a pudesse espantar. Numa de tais bolas, viu, certa vez, um pequeno esquife colocado defronte da casa vizinha. Naquele momento, não havia nenhuma criança enfêrma, porém, pouco depois, a mulher que a habitava, lá foi dar à luz. A criança viveu apenas poucos meses e a Sra. Hauffe viu levá-la no caixão.

Se quiséssemos que ela se lembrasse de sonhos que havia esquecido, bastava fazê-la olhar numa bola de sabão e êles lhe voltavam à memória. Via, muitas vezes, num copo d'água as pessoas que iam entrar em casa dela.

Quando convidada, porém, a ensaiar tal espécie de adivinhação, o fazia a contra-gosto, e às vezes, se enganava.

(Continua)

* Respostas e Pontos de Vistas *

Índios, Caboclos e Pretos Velhos

A. D. L. — B. Horizonte — Parece que a questão das manifestações de índios, caboclos e pretos velhos não deve ser caso de «questão aberta, na Doutrina», como tantas. Afigura-se-nos uma questão, apenas, de lógica, factos e observações.

Meus pontos de vista, aliás fundamentados em factos concretos, aquí estão. E vale, antes, salientar que «contra factos, não ha argumentos».

a) Allan Kardec não cogitou, nem podia, da comunicação dessa gente, é certo. Mas, Kardec não deixou completa sua obra. Se a deixasse, não teria, ainda as-

sim, dito a última palavra dentro de uma doutrina da qual — escreveu êle mesmo — «se disse a primeira palavra e nunca se dirá a última». Além do mais, não se lhe manifestaram, naturalmente, espíritos de índios, caboclos e pretos velhos pelo simples facto de que esta gente não viveu, nem sofreu e morreu na França. Foi no Brasil que os índios, pretos velhos e caboclos, viveram, sofreram e morreram. Logo, só no Brasil é que se póde registrar a comunicação dessa gente, é mais do que óbvio.

b) Se os caboclos, pretos velhos e índios têm alma, porque seus espíritos não se podem manifestar, também?

c) E se não se manifestarem na sua linguagem e nos seus modos, como poderiam ser identificados?

d) Se as comunicações de outros espíritos, postos em bom estílo e cheias de ensinamentos podem ser verdadeiras, porque não podem, também, as dos índios, caboclos e pretos velhos, portadoras de belos ensinamentos, embora na linguagem deles?

e) Se ha falsidade — e as há — nas suas comunicações, também as há, e maiores, em respeitável percentagem de comunicações bonitas, assinadas por nomes ilustres. E foi a respeito de tais comunicações bonitas e em bôa linguagem, que não a propósito das dos caboclos, índios e pretos velhos, que Kardec aconselhou «era preferível recusar 99 comunicações verdadeiras a aceitar uma só falsa».

f) Qualquer espírito pôde ser guia de outros espíritos, encarnados ou não, em esfera inferior a sua, é claro. O aluno da 1.^a série pôde ensinar o a. b. c. a outro aluno analfabeto. Não se admire de que haja professores e bachareis, médicos e militares frequentadores de centros espíritas, cujos guias espirituais são caboclos e pretos velhos. Tais médicos, professores e bachareis estão, espiritualmente, em plano inferior ao de seus guias. A prova é que nada estudam, não conhecem a codificação nem o Evangelho do Cristo, por isso que se deixam levar, sómente, pelos conselhos e lições dos tais guias...

g) Porque não devemos aceitar os conselhos e as lições de tais espíritos, se suas lições e seus conselhos são para o bem? Nós mesmos temos como espíritos familiares alguns irmãos na Espiritualidade, que são pretos velhos. De um, Jacó, temos recebido bons ensinamentos. Mormente sôbre observações de coisas da vida rural em que não somos, como citadino, versado. Espírito que nos livrou, até, uma feita, de sermos roubado, pondo o ladrão de nossa casa, alta madrugada, para fóra. De outro, que vem por velho amigo de Minas, receberamos a indicação de um remédio, que nos curou de insidioso reumatismo.

h) Os índios, pretos velhos e caboclos podem manifestar-se também, em linguagem de gente educada, se como gente educada, seu espírito andou, inutilmente, vivendo outras existências. Preferem a linguagem própria à sua condição,

porque, via de regra, foram mais uteis a si mesmos e aos semelhantes, na vida humilde de pretos velhos, caboclos e índios...

i) Realissimas, suas manifestações. Mas, não confundamos comunicações de espíritos com Espiritismo. O Espiritismo é uma doutrina complexa e a comunicação de espíritos, um fenômeno, por vezes insignificante, do Espiritismo. A comunicação de espíritos é de todos os tempos. O Espiritismo, de 90 anos apenas. Para que haja Espiritismo de verdade, é indispensável o estudo e a prática da codificação de Kardec e do Evangelho do Cristo, de vez que foi o Sr. Allan Kardec, o escolhido para codificá-lo, e ser o Espiritismo o Consolador, que o Cristo prometera. Sem o Evangelho, o estudo e prática das obras espíritas, não nos cansamos de repetir, há mediunismo, comunicação de espíritos, mas não ha Espiritismo.

Apêlos e Auxílios

A. D. V. — Vitória: Achamos mais do que justo, indispensável e cristão, que os espíritas de uma localidade atendam e auxiliem as obras que se constróem noutras localidades.

E fundamentamos assim nossos pontos de vista:

a) A caridade não tem pátria, localidade, agrupamento especiais. Assim, condicioná-la a êste ou aquele grupo, a esta ou aquela localidade, é circunscrevê-la.

b) Cada localidade deve bastar-se, diz o ilustre irmão. E as que forem mais necessitadas do que abastadas, ficam, assim, privadas de apelar para seus irmãos de fóra?

c) O Espiritismo é obra de coopeção. Limitar, portanto, irmãos de uma localidade a atender sómente ás necessidades locais, não será egoistizar e bairrizar seus sentimentos caridosos?

d) Figuremos que os espíritas de sua localidade não topem obras de assistência, por compreenderem e sentirem que espiritismo é sómente comunicação de espíritos, ou obra de «iluminação interior». Por seu modo de entender, os espíritas humanitários daí ficam inibidos de auxiliarem obras de fóra, que êles gostariam que existissem aí, mas que não tem possibilidade de realizá-las.

d) Dar e pedir indistintamente, elasticiza superiormente o sentimento da caridade. Damos disso a prova. Quando fo-

mos para o F. E. C. de cá, havia aí uma política rasteira, bem semelhante a seu modo de ver. Não se pedia fóra nada, nem se mandava coisa alguma para fóra. Insurgimo-nos contra essa política, passando o F. E. C. a pedir e a dar. Era então uma sala apenas de 7 por 8, com 12 bancos sem encosto. Hoje, é o que é.

Felizmente, um dos centros que não tem, quasi, problemas a resolver.

Vamos dar o que pudermos e quanto pudermos e vamos pedir, sempre que precisarmos de algo, satisfazendo-nos com o que se nos der...

Leopoldo Machado.



Fenômenos de Materialização

IX

Na sessão realizada ante-ontem, dia 24, sexta-feira, no Culto Doméstico «Abel Gomes», que funciona na residência dos companheiros de ideal, Rodrigo e Madalena, o espírito dedicado de Scheila, que nos respondera afirmativamente a uma consulta por escrito sôbre se poderiam assistir aos trabalhos de efeitos físicos do Grupo «André Luiz», as senhorinhas Ilza Chaves de Almeida e Zilda Portugal, presidentes das Mocidades Espíritas de Nova-Iguassú e Petrópolis, respectivamente, depois de nos orientar e advertir da falta de vigilância que as vezes nos domina avisa-nos de que a sessão do dia seguinte seria de grandes emoções, pois nos estavam reservadas consoladoras surpresas, prometendo dar-nos, por escrita direta, um esquete em versos para ser interpretado por três elementos da Juventude Espírita «Abel Gomes» na próxima Semana Espírita de Cruzeiro, no Estado de São Paulo. Foi pois sob a égide das melhores expectativas que nos reunimos dezessete companheiros, abrindo eu os trabalhos, ás vinte e meia horas, iniciando-os com o elevar os nossos pensamentos através de uma prece simples e sincera a Jesus, pedindo o Seu amparo e a assistência dos nossos guias. Faço uma ligeira esplanção doutrinária lembrando a recente partida para o plano espiritual do dinâmico divulgador do Espiritismo, o nosso ilustre confrade Frederico Figner, consolidando assim a homenagem que lhe rendera, a começar pelo discurso que fizera na tarde dêste mesmo dia, em sessão plena da Coligação Nacional Pró Estado Leigo, encaminhando a votação de um voto de pesar que fóra proposta pelo Dr. Henrique Benoit, da Igreja Positivis-

ta Brasileira o qual foi aprovado por unanimidade.

Procedi então à leitura do capítulo «Quem semeia colherá», do livro «O Nosso Lar», sendo o comentário feito pelo confrade Vitorino Eloi dos Santos. Em seguida, faz-se profundo recolhimento espiritual, estabelecendo-se ambientação favorável para a comunicação de um dos nossos guias para nos orientar sôbre o andamento dos trabalhos. Araci, manifesta-se, recomendando providências que foram observadas. O médium recolhe-se à câmara contígua. Canta-se o hino «Obreiros de Jesus» e faz-se uma sentida súplica ao Altíssimo. O médium vidente informa-nos de que André Luiz estava na cabine e dois focos de luz, verde e vermelha se fazem nas duas extremidades da cabine, produzidos pelo patrono espiritual do Grupo. Poucos minutos mais e uma entidade materializada, apresenta-se-nos, de compridas barbas, ostentando uma luz nas mãos, em formato de coração, cintilante, apresentando um aspecto policromado, dirigindo-se ao Virgílio, na extremidade do recinto, bem junto da presidência, fazendo-lhe recomendações especiais de carácter individual e voltando ao centro da assistência, daí fazendo uma sublime esplanção evangélica. Pedi-lhe que me ajudasse a desincumbir-me de uma difícil tarefa que tinha recebido do confrade Batista Lino, de S. Paulo, no sentido de ampliar a biografia do luminoso espírito, que forma um capítulo do meu «O Retumbar da Trombeta», pois que ficaram de me fornecer os dados que me faltam, respondendo-me, numa demonstração do seu espírito de grande modéstia, que melhor seria que escrevesse sôbre o

Espiritismo, ao que retruquei que também achava valioso o trabalho de estimular os nossos confrades na prática do bem, pelos exemplos de abnegação, renúncia e sacrifício que foram o apanágio da sua vida, nada me dizendo mais a respeito, continuando a nos dar excelentes conselhos de ordem doutrinária. Recolhendo-se à cabine, vários flocos de luz intermitente, côr de fôgo, se fizeram, tomando todo o ambiente. O espírito amigo de José Grosso fala-nos, em voz direta, e presenteia-nos com várias pedras, sendo que a maior, um semi-lapidado cristal de rocha, destina-o ao Inácio. Scheila, perfeitamente materializada, ostentando duas grossas tranças louras, vestindo traje de côr branca, braços cruzados, esplanando sôbre diversos textos evangélicos, num português duro, puxando ao sotaque alemão. O José Grosso fala-nos em seguida, mais uma vez. E como todos lhe pedissem que, se fosse possível, nos aparecesse materializado, êle respondeu: talvez! E uma voz diferente se ouviu, pedindo uma vela de espermacete, afim de fazer, dizia, uma experiência com um trabalho manual, com o auxilio de parafina. E o espírito vem á assistência para receber das minhas mãos a vela, pensando uns, que fosse Scheila, outros o José, pois que a escuridão não deixava identificar o espírito, principalmente áqueles que estavam a maior distância. Foi quando a Madalena gritou: «é meu pai». O espírito que desejava conservar-se incógnito, acabou por se deixar conhecer, sorrindo, ficando confirmada a opinião da nossa irmã. Daí a pouco o espírito volta, dizendo ter fracassado na experiência, tocando várias pessoas presentes e distribuindo essências finas, de perfume agradável e penetrante, dando um recado particular, à Gení, sua nora. Canta-se «Almas Gêmeas» e o vulto de Nina se apresenta, semi-materializado, junto ao tétô e o espírito de Neuza Magaldi aparece no plano inferior, ao nível da assistência. O Fidelinho também se materializa, andando de um extremo ao outro da cabine, envôlto da sua luz característica e na sua estatura minúscula, ostentando uma tocha de luz de diferentes matizes, a lembrar um brazido colrido, espécie de píra de fogo encandescente. Sucede-lhe Scheila recomendando que acendessemos a pequena lâmpada verde para que pudéssemos apreciar a materialização de um espírito nosso amigo,

desincarnado ha tempos, e que pela primeira vez se nos iria apresentar. E logo aparece do lado direito da cabine um vulto de mulher, de idade avançada, vestindo saia franzida, tipo de camponêza, dirigindo-se á assistência, confessando-se «mãe Iza»; sogra do Prof. Leopoldo Machado, e entretendo com o Vitorino, de quem fôra muito amiga em vida, animada palestra, dizendo que sua intenção era dar-lhe um abraço mas que o não podia fazer, devido a estar muito emocionada.

Pedi para que dessemos um beijo à Ilza, sua neta e um grande abraço a D. Marília, sua filha, desaparecendo em seguida. Poucos instantes mais e uma voz, que todos reconheceram ser do caro espírito de David, declamando versos sonoríssimos, perfeitos, que eu identifiquei logo serem da autoria de «Abel Gomes» tão familiarizado estou eu com ás produções poéticas do grande amigo, quer da Terra, quer do Espaço, o que foi confirmado depois pelo José Grosso, dizendo que aquela poesia o Abel a desejara escrever no album da Dulcinha, o que não fez por ela se ter esquecido de trazê-lo, porém, que o faria em outra oportunidade. O Abel também fala, dirigindo-se ao Virgilio, instruindo-o para animar a difusão da Doutrina em Astolfo Dutra, onde reside, tratando-o com ternura e bondade... Rodolfo Fritz, o espírito amigo que fora irmão carnal de Scheila, fala-nos em voz direta, informando que os nossos trabalhos deveriam ser encerrados e dando-nos outras elucidaciones de fundo moral e espiritual. Feita a prece final e despertado o médium, depois de lhe ser ministrado um passe magnético, termina a memorável reunião, quando então fomos deparar com três tiras de papel escrito em côr verde, com o verso em alto relêvo apresentando, êste, as côres azul e vermelha, contendo o esquete que se segue:

«Fé, Amor e Caridade»

(Trilogia em verso)

Cenário—uma paisagem, campo, etc.

Personagens — 3 jovens vestidos simbolicamente.

Caridade—Represento a Caridade
Ensinada por Jesus,
Pois sou um rastilho de luz
De pura e excelsa igualdade!

Sou vida, fôrça e ação
E amenizo os sofrimentos!
Sou filha da vibração,
De elevados pensamentos!

Diz a Doutrina, em Verdade,
Nesta sublime lição:
«Quem não tiver Caridade
Jamais terá salvação».

Amor — Eu represento o Amor
E sou a essência da vida.
Para o consôlo, na dôr,
Sou a estrela preferida.

A minha missão é unir
Essa pobre humanidade,
Procurando transmitir
A santa luz da Verdade.

Porém sou mal compreendida
Pelo infiel pecador,
Que diz que os gozos da vida
Sou eu o impulsador!...

Fé — Raciocinada, sou fonte
De água viva, e de beleza;
Sou eu quem transporta o monte
Do pecado e da incerteza.

A quem me segue, abro a porta
Ocultada da encarnação,
Minha influência o transporta
Ao templo da redenção.

Minha fôrça está na prece
Pura e cheia de esperança,
Que o pecador entenece,
Com altiva confiança.

Caridade — (falando) — Inda o homem
[não compreende
A nossa missão na Terra...]

Amor — De nós, faz tudo o que entende,
Por isso até nos faz guerra!

Fé — Nós temos alma e vibrante
Que ao homem traz a Verdade,
Libertando-o, num instante,
Da atrofia da maldade.

(Virando-se para a Caridade) — Tu tens
[alma oh! Caridade!...]
E' tua alma verdadeira
A santa fraternidade,
Tua amiga e companheira.

Fóra dela, oh! Caridade,
E's só vaidade em ação!
E' comum na humanidade
Essa triste exibição.

Fé (virando-se para o amor) — O' meu
[irmão tu tens alma,
Vibrando nos sentimentos;
E's o bálsamo que acalma
Todos os padecimentos.

E's um grandioso edifício
Contendo uma alma amorosa:
De renúncia e sacrifício,
E' tua vida esplendorosa!

E a minha alma é milenária
Feita de dôr e aflição;
Ela se faz necessária
Para toda evolução.

Caridade — Com nós três a humanidade
Conquistará paz e luz...

Amor — Compreenderá a Verdade
Ensinada por Jesus.

Todas (pausadamente) — Quem nos qui-
[ser encontrar,
Com carinho e dinamismo,
Ha de, afinal, nos achar
No seio do Espiritismo!...

Scheila».

Rio de Janeiro, 25 de Janeiro de 1947.
Amadeu Santos.

Os chamados mortos nos balem à porta para nos falar da Vida. Aqueles que nos precederam, voltam para nos ensinar o caminho, nos sustentar nas lutas, nos amparar nas quedas, nos iluminar e nos dizer que os horizontes da Vida não têm fim, que o lúculo não é o ponto final da existência. Suas palavras falam à alma e ao coração, vibram em nossa mente, exallam o raciocínio e fazem desaparecer a negação e a dúvida.

O PHARAO' MERNAPHTAH

=====
AURELIO VALENTE
=====

UMA sugestiva e inteligente maneira de fazer propaganda de um ideal, de uma doutrina filosófica ou religiosa, é sem dúvida alguma, o romance.

A exposição doutrinária, escrita ou falada, se não fôr feita por pessoas experientes que saibam atrair, já pelo entusiasmo, já pela beleza da forma, já pelo encanto da construção de suas frases, acaba por causar tédio e sono. O mesmo não acontece com o romance.

O leitor toma interêsse pelo enredo, apaixona-se pelos personagens, chega por vezes, ao ponto de amar um dos que lhe provocou mais simpatia embora saiba que a obra não passa de uma ficção.

E' por essa razão que os missionários da Nova Revelação baixaram à Terra, cada um com determinada tarefa a executar.

O Conde de Rochester teve a sua, ensinar o Espiritismo por meio do romance. Quem, mesmo sem ser espírita, deixa de lêr «*A Vingança do Judeu?*». O número de leitores dêsse notável romance é mais elevado do que se possa porventura imaginar. O Chanceller de Ferro, Herculanium são outras obras valiosas.

Agora a Editora Moderna vem de lançar o Pharaó de Mernephtah. O romance foi traduzido por B. Bicudo e prefaciado por M. Quintão. Tudo recomenda êsse livro. A tradução é devida ao conhecido propagandista coronel Brocardo Bicudo, o prefácio é de Manoel Quintão o decano dos propagandistas do Brasil, o confrade que reúne à sua experiência de largos anos de prática do Espiritismo, um notável patrimônio de conhecimentos gerais. O autor não precisa de qualquer recomendação, só o seu nome importa numa credencial.

O romance vem nos revelar cousas interessantes que se relacionam com a Bíblia.

Mernaphtah é o nome do célebre pharaó que esteve empenhado

em luta com Moysés quando êste se tornou comandante dos judeus para libertá-lo do jugo dos egípcios.

Lendo esse romance compreendemos como eram provocadas as pragas que hoje nos parecem puras fantasias.

O Conde de Rochester relata a vida do pharaó, de Moysés e de outros personagens daquele tempo, salientando-se Pinehas, mago de profundo saber, mas que tinha a alma obscurecida por uma ambição desenfreada e um amor impuro.

Por êsse livro o leitor meditará que muita cousa que nos parece ridícula e sem utilidade tem a sua razão de ser, e por êsse motivo, já formulamos êste conceito: «*em toda superstição existe algo de verdade oculto*». O estudioso portanto, não desdenhará daquilo que os que a si mesmo se classificam de *espíritos fortes*. Não lançará, por exemplo, anátemas sôbre as defumações, nem rirá de certos rituais usados pelos adeptos de outros credos. Não tomará como fantasia a flauta do fakir para atrair serpentes.

O mago Pinehas tinha o segredo disso. Foi com defumações e sons particulares emitidos por flautas preparadas para êsse fim, — que êle provocou umas das pragas que assolaram o Egito, presservando ao mesmo tempo os hebreus. Os maviosos sons da flauta atraíam ratos, rãs, escorpiões e toda sorte de animais daninhos, enquanto que as defumações os afugentavam, assim, saindo dos seus esconderijos êsses animais corriam desnorteados por toda parte, mas não entravam em casas dos judeus por causa das fumigações.

O pharaó Mernaphtah é um livro que se recomenda, a sua leitura atrai e seduz, além disso, também é instrutiva.

Dizer mais seria tirar ao leitor o encanto das agradáveis surpresas e ensinamentos.

E' portanto um livro que agrada do princípio ao fim.

A OBRA DE GELEY



— II —

Na primeira parte de «Do Inconsciente ao Consciente», Geley analisa as teorias naturalistas clássicas da evolução para demonstrar que

«1.º Os factores clássicos são incapazes de fazer compreender a origem das espécies.

«2.º Os factores clássicos são impotentes para fazer-nos compreender a origem dos instintos.

«3.º Os factores clássicos são incapazes de explicar as transformações bruscas criadoras de novas espécies.

«4.º Os factores clássicos são incapazes de explicar a «cristalização» imediata e definitiva dos caracteres das novas espécies ou dos novos instintos: o facto de êstes caracteres, em suas grandes linhas, adquirirem-se mui rapidamente, e, uma vez adquiridos, ficarem imutáveis.

«5.º Os factores clássicos são impotentes para resolver a dificuldade geral de ordem filosófica relativa à evolução que, do simples, faz surgir o complexo e do menos, o mais.»

Nos capítulos que seguem vai demonstrando as cinco teses acima, à luz dos factos observados na natureza, ficando assim evidenciado que a ciência clássica, materialista, não entende a evolução e formula um cipal tremendo de hipóteses que nada esclarecem. É inconcebível a evolução sem admitir-se a existência de um dínamo-psiquismo que preexiste e sobrevive ao indivíduo.

Na segunda parte do livro, o Autor estuda a concepção psico-fisiológica clássica do indivíduo. A ciência materialista é incapaz de explicar como ocorrem os fenómenos da manutenção e reparações do organismo, conservando êste a sua unidade a despeito da sucessão das células; não explica as metamorfoses embrionárias e post-embrionárias; não explica a fisiologia chamada supranormal, como nos casos de mate-

rialização de órgãos ou corpos inteiros.

Trata do fenómeno da histólise. Êsse fenómeno consiste em desagregar o inseto o seu corpo para sair da crisálida. Torna-se o corpo uma substância amorfa unificada, da qual desaparecem as distinções orgânicas e específicas. Dá-se o mesmo que no fenómeno das formações ectoplásmicas, em que a matéria sai do corpo do médium ora como uma neve, ora como uma massa, e depois forma as materializações. O Autor diz que «o corpo do inseto se desmaterializa».

Entra a seguir no problema da fisiologia supranormal: as materializações de órgãos ou de corpo inteiro. O Autor estudou minuciosamente as materializações e demonstra que a ciência clássica não tem explicação alguma para êsse fenómeno, mas não lhe é possível mais negá-lo.

Geley testemunhou pela vista e pelo tacto êsse fenómeno extraordinário. A substância amorfa saída do corpo da médium tornou-se uma cabeça, logo depois se transformou em uma perfeita mão, etc.

Esses factos revelam, — do mesmo modo que na fisiologia normal a conservação do indivíduo — a existência de um dinamismo superior que governa a matéria orgânica. Só a existência dêsse dinamismo permite compreender a organização da vida. Existe nesse dinamismo uma idéia a que êle obedece. Essa idéia toma forma, ou modela a matéria viva, existindo, portanto, uma ideoplastia. A observação desse facto é a derrocada total da fisiologia materialista.

O Autor faz um paralelo das concepções fisiológica clássica com a nova concepção e estabelece o confronto seguinte:

«*Concepção clássica*»: «O organismo é um méro complexo celular. O dinamismo vital não é mais do que a resultante sintética dos proces-

dos biológicos e do funcionamento fisiológico. Fenômeno vital primordial: mistério. Forma específica: mistério. Formação do organismo: hipóteses vagas e insuficientes. Manutenção do organismo: hipóteses vagas e insuficientes. Reparação orgânica: hipóteses vagas e insuficientes. Desenvolvimento embrionário: mistério. Desenvolvimento post embrionário: mistério. Metamorfoses: mistério. Histólise do inseto: mistério. Manifestações sensoriais sem intervenção dos órgãos dos sentidos: mistério. Manifestações motrizes sem a intervenção dos músculos: mistério. Manifestações ideoplásticas: mistério. Materializações: mistério.

Tudo trevas, mistério, incompreensão para a ciência materialista. Pela *concepção nova*: «O complexo orgânico, seu funcionamento e todos os processos vitais, são dirigidos por um dinamismo superior. Todos os fe-

nômenos se explicam pela ação de um dinamismo superior: ação geradora, diretora, centralizadora, conservadora e reparadora. A noção concreta dêste dinamismo deve substituir a noção abstrata da idéia diretriz. Os fenômenos se explicam pela ação extra-orgânica do dinamismo vital. O dinamismo condiciona o organismo, em vez de ser condicionado por êle. Pode, portanto, separar-se dele e até desorganizá-lo parcialmente, para reorganizá-los em formas, em representações diferentes e distintas.»

Como se vê, a fisiologia materialista é toda cheia de mistérios insondáveis, mas basta admitir a existência do Espírito, para que tudo se explique facilmente.

Se a individualidade fisiológica é incompreensível sem o Espírito, mais difícil ainda se torna compreender materialisticamente a individualidade psicológica.



“IN HOC SIGNO VINCES”

Foi à luz sublime do Cristianismo nascente, que Flávio Aurélio Cláudio, depois Constantino, o Grande, imperador do Ocidente, destraldou o *labarum* sagrado que devia anunciar, inaugurando-a para a espécie humana, a nova época memorabilíssima da LIBERDADE RELIGIOSA.

Mais de dezesseis séculos são decorridos, desde que foi assegurada a todos os povos da incipiente civilização cristã essa abençoada outorga—e assistimos ainda, contristados, às insidiosas maquinações com que certas correntes ideológicas tentam insurgir-se contra uma relevante conquista do espírito humano, que estereotipou na fronte do homem a marca indelével da sua origem divina.

O atributo que Deus houve por misericórdia conceder a todas as suas criaturas dotadas de inteligência: o *livre arbítrio*, a ninguém cabe o direito de suprimir-lhes, impunemente. E do livre arbítrio a mais nobre expressão é a liberdade de consciência.

Suprima-se tudo do homem: a liberdade de locomoção, se for isso im-

prescindível para que nas vias públicas transitem apenas, num instante de conturbação social, os carros de guerra com as fôrças mantenedoras da ordem; a liberdade de comércio, se tanto for necessário para cumprir a vesânica exploração do homem pelo homem—fruto amaríssimo, mas bem amadurecido, de uma civilização de rótulo cristão e de índole acentuatadamente materialista...; suprima-se tudo do homem, contanto que se lhe deixe a liberdade religiosa.

O edito de Milão jamais pode ser considerado como o início de um processo de domesticação da consciência humana. Vencerá a Igreja que melhores condições oferecer de aparelhamento do espírito para a conquista da imortalidade. A Igreja livre no Estado livre, é e será sempre a lídima expressão da democracia.

Por êsse motivo, temo-nos insurgido contra todas as correntes políticas que pretendam, de leve que seja, tocar nesse dom sagrado do espírito do homem: a liberdade de escolha em matéria de religião.

Fomos, em Santa Catarina, dos ra-

ríssimos que denunciaram, da tribuna da Imprensa, os verdadeiros intuitos do intregalismo. Sabe-o bem o insigne chefe do Partido Social Democrático, que tem hoje em suas mãos as funções de vice-presidente da República e as responsabilidades de coordenador das várias correntes partidárias, no sentido da boa prática do regimen republicano em nossa Pátria. Estamos sendo, modestissimamente embora, nas tribunas religiosas da metrópole brasileira, dos poucos que denunciavam aos seus confrades e aos seus contemporâneos, os erros tremendos do «marxismo» subversivo que pretende reduzir todas as graves questões da Sociologia moderna a um simples problema de produção e consumo, para resolvê-lo muito à margem da Economia Política... *Horresco referens!*

Aquilo a que chamam comunismo cristão (dando às palavras significação que etimologicamente não comportam), tão distante está dessa horrível deturpação sociológica, que é o marxismo, como a luz tonificante do sol, recebida pelos seres organizados, à superfície da Terra, daquela que os reduziria instantaneamente a simples gazes, se recebida pelos mesmos seres à superfície do astro fecundante...

Basta recorrer-se à história dos primeiros tempos do Cristianismo, para se conhecer imediatamente toda a verdade a respeito do assunto. Assim, em «Atos» (II, 42 a 47), lê-se textualmente: «E perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão e no partir do pão e nas orações. E em toda a alma havia temor, e muitas maravilhas e sinais se faziam pelos apóstolos. E todos os que criam estavam juntos, e tinham tudo em comum. E vendiam suas propriedades e fazendas, e repartiam com todos, segundo cada um havia de mister. E, perseverando unânimes todos os dias no templo, e repartindo o pão de casa em casa, comiam juntos com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus, e tendo graça para com todo o povo. E todos os dias acrescentava, o Senhor à igreja aqueles que se haviam de salvar».

Quão diferente era essa atitude fraterna dos verdadeiros seguidores do Cristo, da atitude recomendada e seguida, na atualidade, pelos que desejam ter tudo em comum! Os primeiros, possuídos da certeza do Cristo, que os advertira: «O meu Reino não é deste mundo» — busca-

vam na prática da caridade, no desprezo dos bens terrenos, o mérito cristão, a posse dêsse Reino prometido por Jesus; os segundos, contemporâneos nossos, desorientados por uma doutrina férreamente materialista, cujos princípios lhes são propinados pelos filósofos ateístas do «marxismo» ou «materialismo dialético» que tanto se apregôa, como última palavra de verdade social — querem tudo destruir de alheios têres, para se locupletarem, na ruína dos outros, com os bens assim baixados ao alcance das suas mãos, e em greves e manifestações hostis à ordem constituída, perturbam a paz social, tão necessária à boa administração da cousa pública.

Davam, os cristãos, por amor uns aos outros, o que imprescindível se fazia à manutenção de todos; os do «materialismo dialético» sacrificariam ao ódio de uns e bem estar de outros, para chegarem à conquista dos seus objetivos sociais. As duas doutrinas — a do Cristo e a de Carl Marx — são substancialmente antagônicas: quem a uma se filia, tem necessariamente de repudiar a outra.

A doutrina do Cristo é feita de bondade e de misericórdia: «Misericórdia quero, diz o Senhor, e não sacrifício».

Eduquemos, esclareçamos as massas humanas que vivem no abençoado solo do Brasil — e as desentorpeceremos de uma espécie de paralisia sentimental que, epidemicamente nos chegou, trazida de climas alienígenas onde se desenvolveu e grassa endemicamente, graças ao caldo de cultura de um capitalismo, sórdidamente materialista também, que feixara as portas do coração humano à piedade para com os humildes. Temos grandes problemas de ordem social a resolver — e para isso precisamos de absoluta liberdade religiosa, liberdade de consciência, liberdade de pensamento. Os que abusam dessas liberdades, serão a seu tempo lançados nas trevas exteriores, «onde há prantos e ranger de dentes», na advertência do Mestre; mas, porque há abusos de liberdade, não se segue que a devamos suprimir. Há quem abuse de tudo quanto é útil ao homem, para prejudicar ao próximo ou a si mesmo; mas seria ridículo, por isso, proibir-se o uso de qualquer dessas utilidades...

A época é de renovação de valores, dentro das normas da livre consciência.

Precisamos prestigiar a fortaleza dos bem intencionados e convencer os epicuristas que assaltam as funções de representação partidária, apenas para melhor servirem a interesses pessoais, que mais à vontade se encontrariam em seus labôres de atividade particular do que em funções que exigem desinteresse individual e espírito público. Mas um tal objetivo sómente atingiremos com a educação moral e cívica do homem, como afinal está se processando, em uma campanha oficial de alfabetização, que deve chegar ás suas últimas consequências, custe o que custar.

Vencida essa primeira etapa, a própria sequência lógica de um belo programa cuja idealização está na consciência de todos os homens de bem, indicará as reformas, que urgem, de uma legislação ainda eivada de meros pendores materialistas, mas à qual sómente se poderão imprimir profundas alterações de natureza moral, cristãmente alicerçadas, quando a educação das massas as comportarem: «Cada povo tem o governo que merece».

Aparelhem-nos, portanto, para os belos dias que se aproximam. Sejam quais forem as últimas consequências do entrelaço formidoloso de idéias e de princípios, a que estamos assistindo como observadores impossibilitados de agir; deflagrem elas em uma guerra universal de extermínio apocalíptico ou encerrem este conturbado ciclo histórico com uma apoteose ridente de Paz; de qualquer forma que seja, atingirá a espécie humana o seu *climax* luminoso de progresso intelectual, moral e científico, pois a civilização já não póde mais perecer, graças ao seu caracter universal que a diferencia essencialmente das anteriores civilizações regionalistas.

E, não perecendo a civilização, terá ela, fatalmente, de converter-se ao Cristianismo, porque esta é a fôrça maior que se exerce sôbre o mundo moral.

IN HOC SIGNO VINCES.

Arnaldo S. Thiago.

Do P. E. N. Clube do Brasil.

Livros e Autores

Leopoldo
Machado

TÊM RAZÃO? — Inácio Ferreira — Uberaba.

O Misoneísmo é de todos os tempos.

É o combate às idéias novas deriva sempre de duas fontes: da ignorância e do interesse.

Tal combate derivado do interesse é mais perigoso, menos elevado e menos nobre.

Toda idéia nova — já escrevera William James — passa, via de regra, por varias fases dêsse combate.

A princípio, negam-na sistematicamente.

Depois, dão-se-lhe certas concepções, a *póde ser, é possível, nem tudo é falsidade...*

Depois, toleram-na. Por último, sentem, até, orgulho e desvanecimento com pertencer e professar tais ideais, tais doutrinas...

Foi assim com o Judaísmo.

Assim teria que ser com o Cristianismo.

Seria assim com o Catolicismo, terçando armas contra o paganismo, de que saiu vencedor, devido a bandeira que desfaldou com o nome de Cristianismo, mas, ficou meio vencido, porque se mesclou de práticas e ritos pagãos.

Assim deveria ser com o Protestantismo.

Porque escaparia o Espiritismo da regra geral?

Acresce, ainda, que as outras doutrinas aí em cita, só mexeram, no seu advento, com as doutrinas religiosas existentes.

O Espiritismo apareceu mexendo com as doutrinas religiosas e científicas, com ciências filosóficas e sociais, com ideologias pedagógicas e morais, que o Espiritismo, pela complexidade de seu organismo, é tudo.

Teria, fatalmente, de agitar mais, de mais irritar e indispor. Mormente aos prejudicados com o seu avanço, com a sua implantação.

Ora, se as massas, influenciadas

pelo Espiritismo, só têm a lucrar, lucros a partir mesmo da conquista da Salvação, sem passar procuração e dinheiro a homens assalariados entre elas e Deus; lucros a partir do equilíbrio e conservação da saúde, que podem conseguir com suas preces sinceras e com os passes generosos de seus irmãos, desinteressados; outrotanto não poderia acontecer com as doutrinas que assalariam homens para cuidar da salvação e da saúde das massas. Decorre, principalmente, daqui a hostilidade que a Igreja de Roma, o Protestantismo às vezes, e a Medicina movem, sistematicamente, ao Espiritismo, aos espiritistas.

Ataque sem justiça e sinceridade, sem nobreza e verdade, que irrita, não raro, aos temperamentos nervosos, francos, destemorosos.

Foi êste o nosso caso.

Foi por isso que fomos arrasados, num tempo que parece já vai tão longe, a uma série de polêmicas estrepitosas, seríssimas.

E é o que se dá, exatamente, com o dr. Inácio Ferreira, o apóstolo, armado em polemista invicto, de Uberaba.

TÊM RAZÃO?, seu novo livro, recém-atirado ao público, é a prova do que afirmamos.

Inácio Ferreira está vivendo uma fase de grandes livros, pela substância, e de livros grandes, por sua apresentação gráfica.

NOVOS RUMOS À MEDICINA é, sem favor nenhum e sem nenhuma lisonja fácil a seu autor, o maior livro do ano. Por sua substância, pela coragem moral de seu autor, pelo marco científico que, com sua capacidade de espírita e de médico, plantou entre a medicina e o Espiritismo. Se tivéssemos de opôr, dentro da literatura doutrinária, outra obra, por sua grandeza, ao *Novos Rumos*, só teríamos que encontrá-la em *Têm Razão*.

Não gostamos entretanto do título da obra.

Disseramos ao seu autor antes mesmo do volume entrar para os prélos. Achamos o título inexpressivo, sem significação, feio mesmo.

Pouco importa, porém, o título, se a substância é excelente.

TÊM RAZÃO? pergunta o autor aos reverendos e médicos, que, ali e alhures, hoje como ontem, têm atacado o Espiritismo.

Claro que não têm razão.

E que não a têm, prova o grande escritor nas 400 páginas de seu volume fulgurante.

E' a história, a análise e a crítica, o estudo e o exame feitos a mão de mestre, com desassombro e, às vezes, atrevimento, de todas as campanhas que o clero e a medicina materialista e católica têm sustentado contra o Espiritismo.

O autor farta-se de confundir e contundir os adversários, ajustando contradições sobre contradições, desmentidos sobre desmentidos, incoerências sobre incoerências, às razões e aos argumentos que tais adversários opõem ao Espiritismo.

E poderia, se quisesse, multiplicar as provas que apresenta por 5, por 10 e por 100, que o campo é fértil em provas tais.

TÊM RAZÃO é o livro que estava faltando à literatura espírita, às bibliotecas dos centros espíritas dirigidos e frequentados por estudiosos, na estante e nas mãos de espíritas cultos.

E' uma espécie de *vade-mecum* de toda sorte de argumentos lógicos, substanciosos, oportunistíssimos, à mão, contra toda sorte de ataques gratuitos que, por toda parte, os espíritas e os centros espíritas ainda suportam.

E suportarão até o Espiritismo chegar às esferas das doutrinas que dão honra e glória aos que as professam.

Inácio Ferreira apurou mais seu estilo no grande livro, emprestando-lhe, portanto, ao par do fulgor científico e doutrinário, o linguístico.

Menos por ser amigo do autor, e talvez, seu admirador n.º um; menos por isso do que por um dever de consciência e por um culto à Verdade, é que aqui dizemos isto de seu grande livro.

De resto, quem nos conhece de perto, e conhece nossa orientação, e a franqueza rude com que, por vezes, dizemos as coisas, podendo ferir homens para não ferir a pureza da Doutrina, não duvidará do que aqui

deixamos, para estímulo e incentivo maiores do grande médico e escritor espírita de Uberaba.

E, já agora do Brasil e do mundo, porque, em parte nenhuma, na hora que passa, médico nenhum entregou ao público, com a responsabilidade de seu nome e com o desassombro que o meio, para os tímidos,

ainda não comporta, obras de tanto fôlego, de tamanha coragem.

Hosanas, pois ao livro e ao seu ilustre autor.

Livros para serem aqui recepcionados, devem ser enviados para a Caixa Postal, 6 — Nova-Iguassú, Est. do Rio.



COSME MARIÑO

Em agosto dêste ano os nossos irmãos da Argentina festejaram o primeiro centenário do nascimento do pioneiro do Espiritismo na grande Republica Irmã, dom Cosme Mariño, que durante mais de meio século dirigiu a propáganda da Doutrina naquele culto país.

Durante meio século Cosme Mariño dirigiu a *Revista Constancia* e presidiu a Sociedade do mesmo nome, defendendo-as contra toda sorte de ataques de adversários por vezes violentos. Certa feita uma fanática religiosa, irmã de um Bispo, atacou o Presidente de *Sociedad Constancia* a tiros de revolver, na praça pública, deixando-o ferido; porém, não amedrontado nem desanimado.

Graças aos esforços perseverantes dêsse grande Missionário, a *Sociedad Constancia* possui uma rica sede própria, num prédio de três andares, na Rua Cangallo, coração de Buenos Aires, um grande teatro para conferências públicas, oficinas gráficas que imprimem livros e publicam mui regularmente a mais antiga revista espírita da América do Sul, a *Revista Constancia*, e o conceito de que goza o Espiritismo na sociedade argentina é dos mais elevados, apesar de ser o Catolicismo Romano a religião oficial e obrigatória daquela República.

No atual governo Peron, por peque-

na maioria de votos, o Congresso argentino instituiu o ensino obrigatório da Doutrina católica em todas as escolas, de todos os graus, do país; no entanto, o Espiritismo goza de liberdade de propáganda e de organização, como movimento científico e filosófico respeitável. Deve-se êsse conceito à obra perseverante de Cosme Mariño que durante meio século manteve colunas pagas de defesa da Doutrina nos grandes diários de Buenos Aires e realizou séries de conferências públicas de grande valor cultural.

Deixou Cosme Mariño uma rica literatura espírita original e traduzida que vem sendo reimpressa pela *Editorial Constancia*.

Contemporâneo de Bezerra de Menezes, de nível espiritual tão elevado como o pioneiro brasileiro, Cosme Mariño foi um grande Missionário e cumpriu valentemente sua missão em nosso Novo Mundo.

O Brasil e a Argentina são presentemente os únicos países do mundo que reimprimem os livros de Allan Kardec em sucessivas edições. Devemos a Bezerra de Menezes e Cosme Mariño a fundação destes dois movimentos espíritas puramente kardecianos que parecem destinados a transformar futuramente o nosso mundo.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Vamos lêr Kardec ?

J. HERCULANO PIRES

Kardec, em «O que é o Espiritismo», no capítulo dedicado a charlatanismo, item 92, adverte: «Entre os adeptos do Espiritismo encontram-se entusiastas e exaltados, como em tudo. São os piores propagadores, porque a facilidade com que, sem exame, aceitam tudo, desperta desconfianças. O espírita esclarecido repele êsse entusiasmo cego, observa com frieza e calma, evitando, assim, ser vítima de ilusões e mistificações».

Grande Kardec! Quanto mais o lemos, mais nos convencemos da sua atualidade, e da premente necessidade de que os espíritas se dediquem, com vontade e afincio, à leitura das suas obras. Como êle soube enxergar e prever, com admirável clarividência, os numerosos perigos que, pouco a pouco, iriam surgindo no terreno fecundo do movimento espírita! Hoje, mais do que nunca, essa advertência sensata de Kardec, que acima reproduzimos, devia ser repetida nos centros e grupos espíritas, jornais, boletins e revistas, para serenar um pouco a paixão e o desespero de certos grupos, enterrados até ao pescoço no mar das mistificações e dos charlatanismos mais desarvorados.

Entusiasmo e exaltação prejudicam o bom senso. E' verdade que, no Espiritismo, como em tudo, precisamos de boas e saudáveis doses de entusiasmo. Isso, porém, o próprio Kardec o reconhece. O entusiasmo a que êle se refere, no trecho citado, não é, entretanto, o de natureza saudável, mas o entusiasmo exaltado e mórbido, perigoso, dos espíritos arrebatados, que a tudo se entregam sem o critério da prévia observação e do contrôle racional dos factos. Ah, como tinha razão o codificador! Quantos males, quantos desastres, êsse entusiasmo cego tem causado no nosso movimento! Quantas charlatanices, das mais vulgares, andam por aí, nos centros e grupos, como objetos de uma adoração anti-espírita, ilógica e pernicioso, pondo a ridículo, perante os homens de bom-senso, a maravilhosa doutrina dos espíritos!

O espírita esclarecido, como bem o diz o Mestre, não se deixa levar pelos

embusteiros da terra ou do espaço. Não alimenta no seu íntimo, no seu coração humilde, a tola pretensão de se tornar o revelador das verdades eternas para os corações incrédulos. Êle sabe que o poder de Deus é infinitamente superior a todas as suas pretensões, e que assim como êle chegou ao conhecimento das verdades espirituais, muitas vezes sem o querer, assim também outros chegarão, quando Deus o quiser, sem necessidade dos esforços malabaristas dos homens. Êle sabe, ainda, o espírita esclarecido, que o Espiritismo é uma doutrina de esclarecimento interno do homem, e que não se imporá ao mundo pelas demonstrações fenomênicas, mas pelo poder de transformação moral que revelar na prática dos seus postulados divinos.

Kardec está hoje relegado, infelizmente, a um plano secundário, nas cogitações dos nossos confrades. Se os seus livros fossem lidos com seriedade, fossem estudados com critério, o movimento espírita não estaria na confusão em que atualmente o vemos, necessitando muito esforço dos adeptos mais sensatos e mais objetivos, para que tome, afinal, o rumo verdadeiro que lhe compete. Kardec, — chegam mesmo a dizer alguns elementos, — já foi superado pelas revelações de André Luiz, de Emanuel, de Humberto de Campos... E se esquecem, e não enxergam, na sua cegueira, que todos êsses grandes espíritos nada mais teem feito do que procurar transmitir, nas suas mensagens, um pouco mais de Kardec aos nossos kardecistas renegados, vaidosos e tolos!

Kardec é o «a b c», dizem outros. Sim, é verdade. Kardec é o «a b c», mas por isso mesmo precisamos dêle, e muito! Precisamos dêle, no nosso pobre movimento, como um sedento precisa de sêde. Porque a verdade é que ainda não sabemos o «a b c». E que, quando o aprendermos, poderemos então soletrar a obra de Kardec e abandonar as nossas vaidades de promotores de fenômenos e exibidores daquilo que ainda não possuímos, ou seja, — a espiritualidade palpável e visível...

❖ O Mundo da Era Atômica ❖

Observamos que uma verdadeira obsessão domina hoje os Governos de diversas nações, motivada pelos efeitos da descoberta da divisão do átomo.

Através desta obsessão, sómente enxergam diante de si o espectro da guerra! No auge do desespero, cogitam agora da criação de comissões de contrôle da energia atômica, o que, no fundo, em nada adiantou, por não haver concordância, e sim permanente desconfiança; assim, já no início, a proposta de paz chegou a um impasse.

A verdade é que o homem de ciência, por assim dizer, *insistiu* para que a natureza lhe concedesse finalmente a revelação do seu segredo. Por várias décadas, perspicazes pesquisadores investiram contra o edifício atômico com o intuito de desvendar-lhe o seu segredo, tão avidamente guardado. Sim, avidamente guardado, porque êste segredo, terrivelmente perigoso e ao mesmo tempo incrivelmente grandioso, podia ser funesto, e, também, benfazejo para a humanidade.

Por fôrça das insistentes investidas, cercadas de receios, eis que a natureza revela o seu segredo grandioso ao homem, infelizmente ainda muito materialista.

Nem de longe julgou o cientista que em trôco desta concessão, a natureza lhe exigirá também um preço em forma imperativa: a responsabilidade sôbre o emprêgo daquêle segredo! que veio colocar a humanidade numa encruzilhada de-

cisiva, sendo: um caminho para a PAZ TOTAL com vastíssimos benefícios para a espécie humana, e um caminho que a conduzirá para a DESTRUÇÃO TOTAL...

Agora de posse daquêle segredo e reconhecendo o alcance dos seus terríveis efeitos, alarmou-se o mundo todo, entregue finalmente à mais pavorosa confusão e receio! Urge tomar uma decisão para sair desta encruzilhada.

Chegou o momento de livrar o mundo do pavor, e curar da cegueira os cientistas, os estadistas políticos e militares...

Deus, nosso Pai, é magnânimo; êle jamais revoga as suas leis, sábias e eternas; sómente quer que sejam respeitadas.

Por isso, ESPÍRITAS do mundo inteiro, chegou a nossa vez de auxiliar os homens para se livrarem desta arapuca, que os colocou dentro dêste dilema: PAZ ou DESTRUÇÃO.

Que formidável lição deu a MATÉRIA ao MUNDO MATERIALISTA! Felizmente, o materialismo chegou ao ponto MORTO, vendo-se vencido e esmagado com seus próprios argumentos!

O momento é decisivo e categórico. O nosso mundo tem que ser salvo da possível próxima destruição total mediante as bombas atômicas e outros meios de extermínio. Não se zomba das LEIS DIVINAS. Seria infantilidade didizer-se que a PAZ TOTAL nêste planeta não é mais possível!

Mãos à obra, ESPÍRITAS do mundo inteiro. A nossa doutrina é

a chave para resolver aquêle «X» da encruzilhada. Custe o que custar, esta doutrina há de penetrar também nas esferas dos homens de responsabilidade política, militar e científica. A nossa doutrina representa a PAZ e o AMOR e é também a LEI DIVINA destinada para salvar e confraternizar os povos da Terra. Também mostrará o seu

valor, quem é adepto da doutrina espírita.

A nossa doutrina, e só ela, resolverá galhardamente o problema da encruzilhada: A PAZ DO MUNDO, para que surja finalmente UM SÓ REBANHO com UM SÓ PASTOR.

MAX KOHLEISEN.

Piracicaba, 25/7/1947.

Nascimento e Morte

WALTER RADAMÉS ACCORSI

Dos fenômenos que empolgam a inteligência, no imensurável cenário universal, o nascimento e a morte ocupam o primeiro lugar, quer pela transcendência de sua manifestação, quer pela magnitude de sua elevada finalidade.

Nascimento e morte são fenômenos que coexistem, estão íntimamente ligados entre si, em estreita e mútua dependência, em todos os degraus da escala animal. A razão biológica de ser de um implica, necessariamente, na existência do outro. Ambos formam o ciclo mais em evidência na natureza, abrangendo as inumeráveis formas e expressões de vida, desde a simplicidade da monera até a maravilhosa complexidade da estrutura humana.

Alma e corpo, assim entrosados, realizam progressivamente a sua transformação biopsíquica, revelando em cada novo estágio terreno o grau evolutivo atingido.

Em meio a essa espantosa realidade, que mais parece circunscrever a vida a um determinismo estritamente biológico, embora de carácter essencialmente evolucionista, uma pergunta se impõe à razão inquiridora. Sendo o organismo humano o termo final da imensa série de seres que povoam a terra, dar-se-á estar a alma sujeita indefinidamente a êle, na

repetição incessante do nascer e do morrer? Que se passará com ela quando alcançar o ponto culminante de sua trajetória terrena, uma vez que não se conhece outra estrutura orgânica, de grau superior, que lhe possibilite a ascensão espiritual?

Desde que a evolução concluiu a sua tarefa com a elaboração do corpo humano—verdadeira obra prima da natureza,—ao espírito compete realizar o trabalho referente ao seu aperfeiçoamento moral e intelectual, facultando, desta sorte, a libertação definitiva do homem dos elos que o prendem à lei das vidas sucessivas, consoante se depreende dos ensinamentos do apóstolo das gentilidades: «Onde está, ó morte, o teu agulhão? Tragada foi a morte na vitória». O espírito humano passará a gozar, então, das excelências da vida eterna, plena de sabedoria e amor, pairando acima das fraquezas e misérias, que tanto escravizam e oprimem a criatura.

Essa nova modalidade de vida só será vivida, entretanto, através da assimilação contínua da doutrina do Divino Instrutor que disse: «Eu sou a ressurreição e a vida. Aquêle que crê em mim, embora esteja morto viverá e aquêle que vive e crê em mim, nunca jamais morrerá».

Piracicaba, Agosto de 1947.

Crônica Estrangeira

O meu filho não morreu

Dedico êstes meus artigos áqueles indivíduos que são agnósticos, negando a que alguns de nós, possuímos conhecimentos obtidos fóra de fenômenos. Não me atreveria eu vir para a imprensa expôr *factos* se não estivesse absolutamente convencido e obtido provas na presença de 6 pessoas, excluindo a médium, de que o que se passou foi muito natural.

Antes de entrar no assunto tenho a expôr o seguinte: O meu filho foi alistado no Exército inglês no começo da Guerra, sendo soldado do South Lancashire Regiment. Saiu com o seu regimento para Malta nas vésperas do Natal de 1941, e dali foi transferido para Tobruk na Libia, caindo mortalmente em batalha no dia 5 de Junho de 1942.

Durante o tempo que estive na Inglaterra veio ver-me de licença de alguns dias por várias vezes e quando nos despediamos usava sempre da seguinte frase:—«Do not worry dad. I am all right. You look after your health and everything will also be all right for you». (Não se encomode papá. Eu estou bem. O senhor olhe pela sua saúde e também tudo será bem consigo).

Levei-o quando criança por duas vezes a Portugal, tendo assim da segunda vez conhecido muito bem a minha mãe, recordando-se dessa sua visita. De todas as vezes que falava da avó indicava-a como «Your mother» (a sua mãe), nunca dizendo a minha avó.

Em Lamêgo e Portelo de Cambres onde passou alguns dias, estivemos em casa dum primo chamado Pedro, o qual não percebia nada de inglês, mas entreteve-se por várias vezes em pôr o Gabriel nos joelhos à láia de jogar aos cavalos e gritando:—All right! Come on! Yes! O rapaz ria-se muito e perguntava-me porque é que o primo Pedro não podia dizer outras palavras mais em inglês. O Pedro era farmacêutico.

O meu filho sabia muito bem do meu interêsse na causa espírita e tratava sempre que eu saía de casa para assistir a uma scéance de brincar comigo, dizendo «Give my kind regards to the Spooks» (Lembre-me aos espantalhos espíritas).

Não conhecia nada da língua portuguesa, nem tão pouco nunca me ouviu falar do Cairbar Schutel.

No «circle» da famosa médium de transfiguração, Madame Bullock, nem esta senhora nem os outros meus amigos que nos reunimos todas as segundas-feiras, sabiam, porque eu nada lhes disse, do que fica acima exposto.

Ora, sendo desde muitos anos um investigador de fenômenos psíquicos, com experiências obtidas em várias partes da Inglaterra, Escocia e País de Gales, sou conhecido pelo meu nom de plume de F. Etraud, e há ainda aquí na Gran Bretanha muitos espíritas que desconhecem a minha nacionalidade e o meu próprio nome.

Confesso que por diversas vezes as mensagens que recebi de vários médiuns foram desconcertadas, mas isso de modo nenhum alterou o facto positivo de saber que «A morte não existe».

Munido por conseguinte dos factos absolutos referidos acima sôbre o meu filho, só poderia naturalmente ficar satisfeito nas minhas pesquisas de que êle não morreu, se qualquer médium me expuzesse pelo menos um ou dois dos referidos incidentes.

Não sou tolo nenhum e continuo investigando e estudando e apreciando fenômenos que em muitos dos casos parecem incríveis.

Meu filho transfigura-se e fala comigo

Em 20 de Junho de 1942 recebi do Ministério da Guerra a notícia de que meu filho, private Gabriel Duarte, do Regimento Highland Light Infantry tinha sido mortalmente ferido em Tobruk, no dia 5 daquêle mês.

Comuniquei com o referido Ministério apontando que meu filho era soldado do South Lancashire Regiment, dias depois me foi dito que, tendo êste Regimento sofrido graves perdas, meu filho e outros rapazes foram conduzidos de Malta a Tobruk e alistados no Regimento Highland Light Infantry. Na segunda-feira ao entrar em casa de Madame Bullock, o marido, ela e os outros amigos ficaram muito comovidos com a notícia

que lhes dei e Mister Bullock sugeriu mesmo a que não nos sentássemos naquele dia no «Scéance Room». Insisti todavia a que fossemos para o nosso Santuário como do costume.

Devem os meus leitores imaginar bem a «atmosfera» em que todos nos encontrávamos então.

Depois de sentados e feitas as nossas preces do costume a Madame Bullock caíu no seu trance profundo.

O guia principal «Rainbow» foi transfigurado e falou-me assim: «Frederico, your boy is quite all right». (O teu filho está muito bem). Desapareceu e o Gabriel vestindo o seu uniforme de soldado, fez-nos a todos uma continência e falou-me naturalmente em inglês, dando a seguir as suas palavras textuais vertidas em português — Olá papá! Não se encomode. Eu estou bem. O senhor olhe pela sua saúde e tudo também será bem para si.

Comecei a chorar em grandes soluços e êle veio perto de mim, beijou-me e disse: —

— Vim para aquí tão repentinamente, papá. Quando me levantei do chão estava uma senhora ao meu lado direito e um cavalheiro ao meu lado esquerdo. A senhora conhece-a bem. Não é inglesa. O senhor está-se a rir e fala inglês, mas também sabe muito bem português, mas não é português.

Compuz-me um pouco e perguntei-lhe: —

— Podes dizer-me quem são essas pessoas?

— Sim, papá. A senhora é YOUR MOTHER (a sua mãe), e o senhor é Cairbar Schutel! O papá não fique invejoso (e riu-se muito) pois o senhor Cairbar adotou-me como seu filho e vai-me ensinar muito.

O Cairbar aparece-me

O Gabriel deu-nos as Boas-noites e Cairbar Schutel transfigurou-se e falou-me assim: —

«Duarte, não chores, o teu filho está bem e em boas mãos!»

— Deus vos abençõe respondi eu, mas comovido de tal modo que a médium por instruções dos guias voltou para nós no normal e o «circle» cerrou-se mais cedo do que nos dias do costume.

Na sala de visitas dos meus amigos

estivemos conversando até perto da meia-noite e alí confessei a todos que o incidente era uma prova cabal de que o meu filho não morreu.

Trago sempre comigo a fotografia de meu filho e mostrei-a aos meus companheiros, aos quais «sob a sua palavra de honra» me afirmaram ser absolutamente a do moço que me falou!

Esqueci-me de mencionar acima que o meu filho me disse ter saído de Malta para Tobruk e se alistado no Highland Light Infantry *notícia esta que só recebi oficialmente uns dias depois.*

Mais uma prova absoluta de que foi meu filho quem me apareceu.

O meu filho fala-me de novo

Na segunda-feira seguinte quando entrei na casa dos amigos Bullock, ia eu já resignado e convicto de que o que se passou na semana passada era bastante para que eu deixasse de chorar a morte do meu filho.

Fomos para o Santuário e depois das formalidades usuais tivemos a visita dum grande cômico falando no dialeto de Lancashire e que nos pôs a todos nós de bom humor.

O Gabriel transfigura-se

Vestindo o seu uniforme sauda-nos e dirige-se desta vez ao senhor Bullock dizendo: —

— Senhor Bullock, eu quero pedir-lhe perdão e aos amigos e papá que estão aqui presentes. O' senhor Bullock, aqui não há SPOOKS!

— Não tens que pedir perdão, meu rapaz, eras inexperiente e não sabias o que sabes hoje.

— E' verdade, senhor Bullock.

— Eu intervi com o seguinte: —

Olha lá Gabriel, gostarias de regressar à Terra e ires tomar os sorvetes no teu favorito Rusholme Bar?

— Não, não, papá. Estou aquí muito melhor e tenho coisas muito melhores do que essas no seu planeta.

Rimo-nos e o Gabriel continuou: —

Papá, já sabe sobre a «sua mãe» e o senhor Cairbar Schutel, mas hoje vou dar-lhe outra surpresa, pois todós aquí agora sabemos que o papá está agora melhor do que na semana passada.

Tenho aquí outra pessoa amiga que

o conhece muito bem. Quando na terra tinha a mesma profissão do senhor Schutel. Adivinha quem é êle ?

Não meu filho.

— E' o cousin (primo) PEDRO. Lembra-se o papá disto: — «ALL RIGHT, COME ON, YES ?»

Os assistentes começaram a rir-se e o Gabriel prosseguiu.

— E' verdade isto. O primo Pedro só sabia estas palavras quando me punha nos joelhos a jogar aos cavalos.

Deixei para o fim uma das provas cabais de que o meu filho me apareceu, falou e beijou e não morreu.

Durante a Guerra é quando êle estava no Sul da Inglaterra o primo Pedro faleceu repentinamente e eu nunca disse nada disso a êle.

O que fica acima exposto é irrefutável.

Não é nada de «fenômeno» ou imaginário, mas sim a absoluta verdade e factos.

Os incidentes acima expostos são sob o meu modo de apreciar a verdade simplesmente admiráveis. Outros incidentes porém não excedem talvez os ditos, mas foram notáveis, pois que por várias vezes tenho falado com amigos do «Além», em inglês, português e francês, os médiuns ou as médiuns ignorando completamente as duas últimas línguas.

Falar com «os mortos» é tão natural como fazê-lo com os vivos.

Frederico Duarte.

Manchester — Inglaterra.

*

Aviso de Morte

De «Além»

Em 1922 o bem conhecido astrônomo *Camille Flammarion* escrevera em «*Revue Spirite*» a propósito de manifestações do mundo invisível as seguintes palavras:

«Quaisquer que sejam as negativas, as manifestações póstumas existem, e o nosso dever é demonstrá-las.»

O assunto é importante. Tem relação que interessa a cada um de nós, com o que nos espera amanhã ou depois, em hora inevitável.

Ninguém ainda contemplou o sublime túmulo de Canova, em Veneza, esta entrada da alma no desconhecido, sem

se sentir profundamente emocionado diante desta porta entre-aberta para a noite eterna.

Quem não experimentou a mesma comoção ao contemplar o magnífico monumento aos Mortos, de Bartolomé, no Pere-Lachaise, simbolizando com a mesma eloquência o perturbante mistério da morte ?

A importância do assunto impõe-se a todos os pensadores, e todos sentem que êsse problema, ainda sem solução, só pode ser resolvido pelo método positivo que temos adotado: pela apresentação e discussão dos factos.

Lamarck, profundo naturalista, escrevia em 1809, na sua «*Filosofia Zoológica*», que transformou por completo a história natural, desde o molusco até ao homem: *Afóra os factos, o resto nada é senão opinião. O homem só considera uma verdade positiva, quando observa factos que a demonstrem.*

E' êste precisamente o princípio que nos guia: as manifestações póstumas são factos observáveis, e uma correspondência russa a mim enviada, vem mais uma vez reforçar a minha opinião. Diz ella o seguinte: «Meu avô divertia-se em assustar as pessoas de casa, de uma maneira interessante. Dava três pancadas com ambas as mãos, justamente quando encontrava alguém preocupado ou absorvido, ou, então, o que era pior, quando estávamos meio adormecidos.»

Essa velha mania, que já vinha desde a sua mocidade, acarretára-lhe muitas desavenças e rixas com amigos pouco pacientes; mas, a sua verdadeira vítima era uma das suas velhas parentas, uma tal Mlle. Estefânia, solteirona beata, tranquila e um tanto indolente, que passava a vida sonhando, num canto da casa.

Meu avô surpreendia-a sempre nos momentos mais oportunos e assustava-a de tal modo, que, muitas vezes, a deixava estendida no chão sem sentidos. E ria-se, o malvado, satisfeito, repetindo-lhe diversas vezes, que embora a mil léguas de distância, ella teria de ouvir três pancadas no dia da sua morte.

Passaram-se anos.

Uma vez, meu avô, antes de partir para longa viagem, passou algumas semanas em casa de Estefânia, a quem, apesar de tudo dispensava uma grande afeição. E mais do que nunca a afligiu com a sua velha mania, e, na hora de partir, ainda

recordou a promessa que lhe fizera de, ao morrer, vir dar três pancadas.

Estefânia passou vários meses sem receber notícias dêle. Meu avô, viajava sempre sem parar.

Uma tarde, estando a cear com uma vizinha, justamente ás 9 1/2 horas da noite, eis que ambas ouvem distintamente as terríveis pancadas. Atônitas, procuraram por todos os lados, e nem sombra de meu avô.

Estefânia adocece.

Dias depois recebia uma carta de meu tio Max, comunicando-lhe a morte repentina de meu avô, no dia 13 de No-

vembro, ás 9 1/2 horas, quando começava a cear. Justamente nesta hora conversávamos a respeito de Estefânia, e meu avô ria-se dos sustos da velha parenta.

O lugar onde se deu a sua morte é situado na Volkynia (Pequena Rússia) e dista 150 léguas russas do castelo onde habitava Estefânia».

Eis, pois, uma das inúmeras afirmações do grande sábio *Flammarion*, universalmente conhecido e insuspeito porque não pretendeu nunca estabelecer doutrina, dogma, ou fazer propaganda de uma nova ciência que observara e da qual não se constituiu pioneiro ou acérrimo defensor.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Intolerância Clerical

Ao Deputado Basilio Catalá, de Salvador, Bahia, foi passado o seguinte telegrama no dia 23/9/47: —

«Coligação Nacional Pró Estado Leigo consignou ata reunião Conselho Diretor voto aplausos vossa atitude na Assembléia Legislativa do glorioso Estado da Bahia, combatendo atentados praticados pelo padre Gaito, no Município de Nova Soure, não sómente promovendo perseguição evangélicos Pentecostais, mandando cortar luz, submetendo Pastor a vexames, impedindo culto, como se apropriando do Cemitério secular, cuja administração pertence a autoridade Pública Municipal. Estranhamos, ainda, que referido padre esteja impedindo pentecostais terem seu próprio cemitério, já que no cemitério público não podem sepultar seus cren-tes quando falecem. Absurdo ainda é facto proibição não ser permitido sepultamento no cemitério Público local, de pessoas que sejam casadas sómente no civil. Todos esses factos evidenciam que Constituição 18 Setembro não existe para dirigentes da igreja Romana, empenhados na obra de ligar a Igreja ao Estado para auferir proventos, destruindo regime republicano laico. Atenciosas saudações,

(a) *Arthur Lins de Vasconcelos Lopes*, Presidente.»

Inauguração da Maternidade «Casa da Mãe Pobre»

A 9 de Novembro próximo vai esta Instituição de Caridade franquear o Hospital ás parturientes pobrezinhas. A começar do 3.º ou 4.º mês receberão as gestantes os cuidados médicos, prolongando-se essa assistência ás crianças até um ano de idade. Os 70 leitos que possui vão proporcionar eficaz auxílio a nossas irmãs destituidas de recursos, fornecendo-lhes, além do tétó, os melhores recursos da ciência médico-espiritual.

Juntamente com a sessão de maternidade vai ser inaugurada, igualmente, a «CRECHE», para agasalhar cerca de 30 criança de 0 a 2 anos de idade, onde lhes serão dispensados os necessários cuidados, enquanto suas mães lutam para ganhar o pão de cada dia.

Nasceu essa Maternidade do que na terra designamos por: Desgraça.

Em 1928, estando residindo um casal espírita na Cidade de Teresopolis, foi a esposa procurada por infeliz mãe, para o fim de ajudá-la a abortar. Para justificar a medida relatou que um ano antes tinha dado á luz uma criança, num barracão dos arredores da Cidade e por falta de assistência, — pois achava-se sozinha e dois filhos menores e seu marido trabalhava na roça, muito longe e só vinha a casa aos sábados — indispensável nesses momentos, sofreu forte hemorra-

gia, ficando, em resultado, entre a vida e a morte, com a agravante do desincarne do recém-nascido. Não queria, portanto, sujeitar-se a nova prova, de reminiscência tão dolorosa.

E' excusado dizer que o casal em questão arrancou a idéia macabra do espírito da infeliz, auxiliando-a, por outro lado, a dár cumprimento ás Leis Divinas. Foi assim que 7 menses após nascia no Lar humilde um robusta menina, auxiliado já se vê, por mãos competentes e generosas.

Gerado, em consequência dêste «caso», o pensamento de fundar uma maternidade para a pobreza, ficou a idéia em gestação pelo praso de 12 anos e, finalmente, a 10 de Novembro de 1940 eram plantados seus fundamentos, na Capital da Republica, com a primeira reunião realizada na séde da Liga Espírita do Brasil, gentilmente cedida por sua Diretoria.

Começou aí o trabalho de aliciar corações de boa vontade e desde então rude batalha se travou, de trabalho continuo e construtor.

Criada a «Legião Protetora da Mãe Pobre», grupo de senhoras abnegadas, ir-

manadas com a Diretoria e membro do Conselho, foi o trabalho se desdobrando. Eram Campanhas Financeiras, de sócios, festas em teatro, bailes, rifas, o que reunido rendeu, até o último ano Financeiro, 30 de Junho do corrente ano, a importância líquida de Cr.\$ 2.302.525,70.

Cerca de 12.000 pessoas, seu actual quadro associativo, que dão sem nada esperar, concorreram para êste gigantesco empreendimento, grande demais para gente tão humilde — segundo expressão de Leopoldo Machado.

A construção abrange 1.651 metros quadrados.

Possui 2 Salas de Parto, Salas de Operações e de Esterilização, 3 Salas de Curativos, Laboratório de análises, Sala de Raio X, Ultra-violeta, Sala de Dentista e Otorino, Isolamento e Lavanderia a vapor. Tudo concluído andarão os gastos pela casa dos Cr. \$ 3.000 000,00.

Esta obra nasceu e cresceu silenciosamente, e é fruto da humildade.

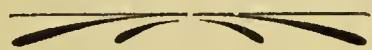
O grupo de trabalhadores que lhe deu nascimento péde a Deus os preserve do fermento do orgulho e da vaidade, para que a missão a que essa Casa está destinada não sofra continuidade.



D. Gracinda Batista

O dia 28 de Setembro de 1946 registra o desincarne de D. Gracinda Batista, uma das mais devotadas servas do Senhor, que acolheu em seu lar crianças desamparadas, a quem dispensou os mesmos cuidados de uma mãe carinhosa. Auxiliou a pobreza e foi um dos esteios do Sanatório «Americo Bairral», uma das mais notáveis obras espíritas que vêm prodigalizando incontáveis benefícios aos doentes mentais.

Por motivo do 1.º aniversário do seu desincarne, ocorrido no dia 28 de Setembro último, volvemos os nossos pensamentos para Jesus, solicitando-lhe maiores possibilidades para êsse querido espírito, a quem saudamos afetuosamente.



Uma menina de 6 anos pregou um sermão durante uma hora

Caso espantoso verificado numa Igreja de Richmond na Austrália perante 1.200 pessoas

MELBOURNE, (R.)—Passou-se um caso espantoso hoje, na igreja pentecostal de Richmond onde uma menina de apenas seis anos de idade, Renée Martz, de Chicago, pregou um sermão que durou cêrca de uma hora, falando a uma congregação de 1.200 pessoas. Centenas de ouvintes ocorreram diante do fenómeno, mas não puderam assistir à assembléia de Deus. Empunhando uma trombeta de brinquedo com que costuma acompanhar os hinos evangélicos, a garota prodígio cantou em chinês, esquimó e russo! Línguas cuja existência até ignora. A pequena Renée está viajando pela Austrália, percorrendo as igrejas em companhia dos seus pais, reverendo Jack Martz e senhora.

(Do «O Globo», de 24/2/47).

— Srs. anti-reincarnacionistas, como explicar o presente facto?

O XI.º Congresso Brasileiro de Esperanto

De 13 a 21 de Setembro de 1947 realizou-se com pleno êxito, na Capital de S. Paulo, o XI.º Congresso Brasileiro de Esperanto.

Fizeram-se representar diversos Ministros, quasi todos os Governos de Estados, Instituições Culturais, Associações Espíritas e outras agremiações.

Os Congressistas receberam gratuitamente passagens em duas estradas de ferro que puseram à sua disposição vãos especiais, ônibus da Segurança Pública, bondes em Santos e outros favores dos Poderes públicos do Estado. O Congresso alcançou plenamente seu objetivo e reuniu esperantistas de todos os Estados da União. Notava-se apreciável maioria de espíritas entre os congressistas e isso nos levou a refletir sôbre a obra de propaganda realizada pelos nossos confrades desde o primeiro momento nas sédes

de sociedades espíritas e em nossos jornais doutrinários.

Como êsses pioneiros já desapareceram, quasi todos, é chegado o momento de lhes manifestarmos a nossa gratidão pela obra penosa que realizaram nos primeiros tempos, quando o Esperanto era julgado utopia, serviço de desocupados. Folheando as velhas coleções de «O Clarim», lá encontramos, no ano de 1913, artigos de propaganda e lições da língua, em inteligente propaganda dirigida por José Machado Tosta, Flávio Norte, Couto Fernandes, em pleno acôrdo com Cairbar Schutel que também era entusiasta do ideal esperantista.

As sementes do bem nunca se perdem. Muitas vezes sua germinação é lenta e não póde ser percebida pela mesma geração que fez a sementeira, mas as futuras gerações colhem os frutos e como sabemos que as futuras gerações serão formadas por nós mesmos renascidos, só temos razão de semear o bem por todos os meios, na certeza de que nós mesmos colheremos um dia os frutos.

I. G. B.

Matão, Setembro de 1947.

Livros Novos

FACTOS

O nosso prezado amigo Antonio José Trindade, fundador da Sinagoga Espírita Nova Jerusalém e Cozinha dos Pobres e um dos mais populares e ardorosos trabalhadores da seára espírita, acaba de nos ofertar um exemplar de «Factos», da sua autoria, e recentemente lançado a lume.

Escrito numa linguagem clara, popular, a sua leitura atrae a atenção da primeira à última pagina, pois o autor narra casos eletrizantes de fenómenos espíritas, episódios de viagem e de trabalhos mediúnicos, enrêdos interessantes, etc.

«Factos» contém 240 páginas aproximadamente, formato grande e impresso em ótímó papel.

E' um livro que se lê gostosamente e digno, portanto, das bibliotécas espíritas.

Agradecemos a oferta do volume.

— A' venda na Livraria de «O Clarim». Preço: Cr. \$ 25,00 e mais um cruzeiro para o porte e registro.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Director: José da Costa Filho

Redator: A Watson Campêlo

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias*, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	Cr.\$30,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada	35,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada	55,00

NUMERO AVULSO CR. \$2,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

